

UM ESTUDO SEMIÓTICO DO CONTO "PAULO", DE GRACILIANO RAMOS

Fernando de Moraes GEBRA (PG – UFPR/CAPES)

Tania Sturzbecher de BARROS (UNASP)

Inserido na coletânea de contos *Insônia* de Graciliano Ramos, publicado em 1947, "Paulo" apresenta a história de um homem num hospital, à beira da morte, com delírios, fechado em seu universo de devaneios, passando por um processo de auto-conhecimento, o que resulta no desdobramento do eu. Esse desdobramento pode ser entendido como um processo que consiste na duplicação do sujeito, em dois lados da sua personalidade, um lado mais próximo da imanência, aquele que é apresentado no convívio social, e o que é escondido nas profundidades do inconsciente, que se vale de mecanismos repressivos para evitar que este lado se manifeste.

Em "Paulo", ocorre justamente o que se acaba de descrever. O narrador, sem nome, com a carne em decomposição, sente que alguém se apodera de seu lado direito. Este alguém é denominado Paulo. Durante toda a narrativa, a personagem central sente-se incomodada com a presença deste duplo e tenta, sem obter sucesso, extrair este lado de sua personalidade, pois este seria indesejável no convívio social. No entanto, este lado seria relacionado à infância, época em que se é livre das imposições sociais. No entender do filósofo Clément Rosset, "É verdade que o duplo é sempre intuitivamente compreendido como tendo uma realidade "melhor" do que o próprio sujeito - e ele pode aparecer neste sentido como representando uma espécie de instância imortal em relação à mortalidade do sujeito. (1998, p.77-8). No conto em análise, todavia, essa realidade superior é recusada pelo narrador durante o transcorrer da narrativa.

Nessa análise, utilizam-se alguns conceitos de Semiótica Greimasiana, com particular atenção ao Nível Discursivo, com o intuito de relacionar as categorias de debreagem de ator, tempo e espaço com o fenômeno do duplo. De acordo com a teoria formulada por Greimas, o percurso gerativo de sentido estrutura-se em três níveis, do mais concreto e complexo ao mais simples e abstrato. São eles: o nível discursivo, o nível narrativo e o nível fundamental. Cada um dos níveis possui um aspecto sintático e um semântico.

No Nível Discursivo, "as formas abstratas do nível narrativo são *revestidas* de termos que lhe dão concretude" (FIORIN, 2001, p.29). Assim, "o sujeito da enunciação faz uma série de "escolhas", de pessoa, de tempo, de espaço, de figuras, e "conta" ou passa a narrativa, transformando-a em discurso."(BARROS, 2001, p. 53). Cabe à Sintaxe Discursiva "explicar as relações do sujeito da enunciação com o discurso-enunciado e também as relações que se estabelecem entre enunciador e enunciatário" (2001,p.54). A relação entre a enunciação, ou o momento de produção do discurso, e o enunciatário, o texto produzido, se dá por meio de uma operação chamada debreagem, que pode se referir aos atores (debreagem actancial), aos espaços (debreagem espacial) e aos tempos (debreagem temporal).

Primeiramente, será abordada a debreagem espacial, já que em relação ao espaço, o sujeito do conto encontra-se em um hospital quente ("calor da sala"), com "chão lavado a petróleo", com "paredes amarelas" cobertas de pus. Trata-se do espaço do aqui, daí termos uma debreagem enunciativa, um lugar fechado e extremamente inóspito para o sujeito. Ao falar da espacialização nos romances de Graciliano Ramos, Alfredo Bosi comenta que

a paisagem capta-se menor por descrições miúdas que por uma série de tomadas cortantes; e a natureza interessa ao romancista só enquanto propõe o momento da realidade hostil a que a personagem responderá como lutador em *São Bernardo*, retirante em *Vidas Secas*, assassino e suicida em *Angústia* (1994, p.402).

Outro espaço que ocorre em "Paulo" é o espaço aberto, o "lá fora", o que já revela a presença do duplo:

Lá fora eu era um sujeito aperreado por trabalhos maçadores, andava para cima e para baixo, como uma barata. Nunca estava em casa. Recolhia-me cedo, mas o pensamento corria longe, fazia volta em redor de negócios desagradáveis.

Recordações de tipos odiosos, rancor, a idéia de ter sido humilhado, muitos anos antes, por um sujeito que se multiplicava (p.53).

O fragmento acima transcrito aponta para a problemática tempo-espaço. Percebe-se que o espaço do "lá fora" faz referência a outro tempo, um tempo em que o narrador do conto vivia num mundo de rotina, que o desagradava muito. O espaço do "aqui", embora marcado por sujeira e doença, apresenta uma recorrência figurativa: o chão lavado a petróleo. A primeira vez que este chão é descrito se dá no início do conto, quando crianças sobre ele brincavam, o que nos remete à possibilidade de as referências ao chão projetarem no narrador as lembranças de sua infância, em que era livre dos encargos burocráticos sociais e do meio opressor. O narrador, ao mesmo tempo em que deseja retornar a essa infância, rechaça essa possibilidade.

O desejo de volta à liberdade da infância aparece no seguinte trecho:

Enquanto amarravam a atadura, os enfermeiros me levantavam, e eu me sentia leve, parecia-me que ia voar, flutuar como balão, esgueirar-me por uma janela, fugir do cheiro de petróleo e do calor, ganhar o espaço, fazer companhia aos urubus (p.49).

É possível perceber a grande recorrência de figuras que expressam o desejo da liberdade, tais como "leve", "voar", "flutuar", "balão", "esgueirar", "urubus". Todas essas figuras remetem a espaços amplos e a vôos de pássaros. No entanto, apesar do seu desejo de retornar à infância, através da representação figurativa do chão lavado a petróleo, o narrador recusa tal possibilidade ao pedir que as crianças sejam retiradas da sua presença, o que vemos no discurso direto do narrador-personagem: "Retirem essas crianças barulhentas".

Esse jogo de oposição entre o desejo e a recusa aparece mais claramente quando a parte do corpo que o incomoda ganha uma identidade. É Paulo, o duplo, que começa a ser descrito como "uma ferida que muda de lugar e está em todo o lado direito" (p.50):

A minha banda direita está perdida, não há meio de salvá-la. As pastas de algodão ficam amarelas, sinto que me decomponho, que uma perna, um braço, metade da cabeça, já não me pertencem, querem largar-me. Por que não me levam outra vez para a mesa de operações? Abrir-me iam pelo meio, dividir-me-iam em dois. Ficaria aqui a parte esquerda, a direita iria para o mármore do necrotério. Cortar-me, libertar-me deste miserável que se agarrou em mim e tenta corromper-me (p.50).

A presença do duplo se faz de forma significativa no trecho acima, com se pode perceber pelo percurso figurativo do desdobramento, com as figuras "decomponho", "metade", "meio", "dividir", "dois". Nota-se que a parte esquerda quer libertar-se da direita. Tradicionalmente, a parte esquerda refere-se ao lado racional do sujeito, enquanto a direita ao lado emocional e imaginativo. A criança tende a possuir o lado direito mais desenvolvido que um adulto. Assim, por esse viés, entendemos a recusa do lado direito do corpo como a recusa da sua própria infância, rechaçada no início do conto quando o narrador pede que as crianças sejam retiradas. Não é apenas a retirada das crianças do quarto do hospital que ele deseja, mas a retirada de toda sua rememoração da infância.

Conforme o *Dicionário de mitos literários*, o duplo levanta a questão da identidade do ser, pois só conseguimos conhecer nosso interior quando nos deparamos com nossa réplica (2000, p.267). No conto "Paulo", o desdobramento pode ser entendido como uma tentativa de auto-conhecimento, através do confronto entre o lado imanente da personalidade e o da manifestação da mesma. O narrador está acostumado ao lado da manifestação e sente terror pelo lado imanente, o passado da infância perdido nos turbilhões burocráticos e hostis do dia-a-dia:

Os dedos seguram-me, tenho a impressão de que Paulo me agarra. Um rumor enfadonho, provavelmente reprodução de maçadas antigas, berros de patrões, ordens, exigências, choradeira, gemidos, pragas, transforma-se num sussurro de abelhas que Paulo me sopra ao ouvido (p.55).

Paulo é apresentado como a voz da consciência do narrador, o duplo que mostra a incômoda realidade em que o narrador está circunscrito. O protagonista busca a coerência do seu eu: "Mas essa criatura, dificilmente organizada, pesa demais dentro de mim, necessito esforço enorme para conservar unidas as suas partes que se querem desagregar." (p.247)

Segundo o *Dicionário de mitos literários*,

A idéia da duplicidade, da gemação como solução afortunada exprime-se também no mito de *O banquete* de Platão (discurso de Aristófanes). O homem desdobrado, a mulher desdobrada ou o andrógino representavam a união primitiva, o estado de perfeição a que os homens põem fim quando ameaçam os deuses: a bipartição é o castigo infligido pelos deuses, determinando a representação do homem que se segue (cada um de nós não passa de um homem que foi cortado ao meio), representação importante para as recaídas literárias do mito, pois implica uma maleabilidade do ser humano, cujo destino se converte em busca: a busca do duplo com seus aspectos ambíguos - benéficos e maléficos - testemunha uma passagem, uma transgressão fora dos limites do humano... (2000, p.262).

Como foi visto, o duplo apresenta aspectos ambíguos. No conto em questão, o sujeito está em estado de bipartição: o lado maléfico é o da podridão em que se encontra o lado direito do narrador, mas esse lado aponta um aspecto que poderia ser benéfico: o lado imaginativo e criativo do ser humano que se encontra em decomposição. O narrador, sem consciência de sua condição, busca assegurar a coerência do eu, resistindo a seu duplo, associando-o à loucura: "Afinal ignoro quem é Paulo e reconheço que minha mulher tem razão quando me oferece pedaços de realidade: visitas de amigos, colheres de remédio, a comida intragável" (p.55).

A resistência maior em relação à presença do duplo pode ser percebida no seguinte trecho:

Devo aceitar isso. Curar-me-ei, percorrerei as ruas como os outros. A princípio arrastar-me-ei pelos corredores do hospital, com muletas, parando às portas das enfermarias dos indigentes; depois sairei, a perna ainda encolhida, andarei escorado a uma bengala, habituar-me-ei a subir nos bondes, verei João Teodósio fazendo sinais misteriosos a um lugar vazio. (p.55)

Ainda que o narrador fique apenas com metade do seu corpo, livrar-se do lado direito, daquela parte incômoda, representa um alívio para ele, o que vemos por meio da debreagem temporal enunciativa, marcada pelo futuro do presente, que é entendido como um tempo da não-concomitância ao agora, ao discurso que está sendo enunciado. No trecho acima referido, percebe-se a abundância de verbos no futuro do presente, como "curar-me-ei", "arrastar-me-ei", "sairei", "andarei", "habituar-me-ei" e "verei", todos ligados ao enunciador do processo discursivo, isto é, o narrador do conto.

A cura a que o narrador se refere é a eliminação de Paulo do seu corpo, a supressão do duplo, para que ele possa ter uma vida regrada e rotineira, tal como se apresenta no seguinte fragmento, também marcado por uma debreagem temporal enunciativa, com verbos no futuro do presente:

Entrarei nos cafés, conversarei sobre política. Uma, duas vezes por semana, irei com minha mulher ao cinema. De volta, comentaremos a fita, papaguearemos um minuto com os vizinhos na calçada. Não nos deteremos diante da porta de João Teodósio. Apressaremos o passo, fugiremos daqueles olhos medonhos de quem vê almas (p.55-6).

O duplo revela o questionamento da existência, e questionar implica em abandonar valores arraigados no interior do sujeito, daí a recusa do narrador em aceitar a presença do seu duplo. Além da recusa de seu duplo, o narrador recusa também João Teodósio, personagem mencionada no conto por

meio de uma debreagem actancial enunciativa. Trata-se de um homem espírita, com grande mediunidade, o que vemos no seguinte trecho: "... penso em João Teodósio, espírita e maluco. João Teodósio tem olhos medonhos, parece olhar para dentro e fala nos bondes com passageiros invisíveis." (p.53)

Alfredo Bosi assim descreve os protagonistas da ficção de Graciliano Ramos: "o "herói" é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo" (1994, p.402). O narrador recusa João Teodósio porque as visões que esta personagem tem assemelham-se à visão que o narrador tem de Paulo, o seu duplo. Não é por acaso que, após a apresentação de João Teodósio, o narrador se volta, no mesmo parágrafo, para seu duplo: "O homem que se apoderou do meu lado direito não tem cara e ordinariamente é silencioso. Mas incomoda-me. Defendo-me, grito palavrões, e o sem-vergonha escuta-me com um sorriso falso, um sorriso impossível, porque ele não tem boca." (p.53-4).

Acredita-se que João Teodósio e o duplo são recusados devido à dificuldade do narrador em questionar a realidade cruel, rotineira e hostil que o cerca. Como projeção de sua consciência, o duplo é descrito como um intruso que se apoderou de metade do corpo do narrador, como uma ferida que apodrece em seu lado direito. O remexer nessa ferida ocorre no final da narrativa: "Paulo está curvado por cima de mim, remexe com um punhal a ferida." (p.56).

Após momentos de extrema recusa do duplo, associado à figura da morte, o narrador revela desconhecer essa estranha figura que se apodera de seu corpo: "Não lhe quero mal, não o conheço" (p.57). Logo em seguida, confessa: "Mentira. Sempre vivemos juntos" (p.57). Pede para ser operado e que o duplo seja arrancado do seu corpo. O jogo de sentimentos contraditórios ganha corpo. Assim, o narrador diz que "Paulo ficará na mesa de operações, continuará a decompor-se no mármore do necrotério." (p.57). Em seguida, assume a consciência do duplo, dizendo que "O que estou dizendo, a gemer, a espojar-me, é falsidade. Paulo compreende-me" (p.57). Apesar dessa aquisição de consciência, o duplo morre: "O punhal revolve a chaga que me mata". (p.57)

O duplo, causador de repulsa, alertava o narrador para sua infância perdida. Lutar contra Paulo representa o lutar contra a própria consciência de sua infância estar morrendo, de estar substituindo a liberdade da infância por um mundo de opressão e rotina. Tal substituição da liberdade pela opressão é muito comum nos romances de Graciliano Ramos. Neste conto, o lado podre do corpo do sujeito moribundo representaria a infância que apodreceu na memória do narrador, que definha até a morte e aniquilamento da existência do sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 4.ed. 3.reimp. São Paulo: Ática, 2001.
- BOSI, Alfredo. Graciliano Ramos. In: _____. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994. pp.400-5.
- BRAVO, Nicole Fernandez. Duplo. In: BRUNEL, Pierre (org). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 10.ed. São Paulo; Contexto, 2001. (Repensando a Língua Portuguesa).
- GEBRA, Fernando de Moraes. *O ritual esotérico no Cancioneiro de Fernando Pessoa*. Dissertação de Mestrado. UEL: Universidade Estadual de Londrina, 2003.
- RAMOS, Graciliano. *Insônia*. 23.ed. São Paulo: Record, 1994. pp.48-57.
- ROSSET, Clément. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Apres. e Trad. José Thomaz Brum. Porto Alegre: L&PM,1998.